

A LEITURA COMO ASCENSÃO SOCIAL: CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL NA OBRA O CAIXEIRO, DE RODOLFO TEÓFILO

READING AS SOCIAL ASCENSION: CONSTRUCTION OF CULTURAL CAPITAL IN THE WORK O CAIXEIRO, BY RODOLFO TEÓFILO

Charles Ribeiro Pinheiro¹

RESUMO

A cidade de Fortaleza, a partir da segunda metade da década de 1860, passou por amplas transformações de caráter material e econômico, devido à intensificação da exportação do algodão cearense para a indústria inglesa. Um participante ativo desse processo de modernização foi o escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo (1853-1932). No final da década de 1860, para auxiliar no sustento da família, ele trabalhou como caixeiro-vassoura na casa comercial Albano & Irmão, grande exportadora cearense de algodão. Ele relatou as aventuras e frustrações desse período na sua penúltima obra memorialística O caixeiro (1927). Além de registrar a luta dos caixeiros para se tornarem uma classe social reconhecida e a rápida modernização de Fortaleza, a obra trata da formação literária e intelectual do referido escritor, registrando os seus primeiros anseios poéticos e as dificuldades para continuar os estudos. Este trabalho tem por objetivo investigar como a leitura foi um instrumento de ascensão social e intelectual para Rodolfo Teófilo, além das suas lutas para a obtenção de capital cultural e as tensões no campo literário da cidade. Para o propósito dessa pesquisa, foi necessária uma análise do contexto de Rodolfo Teófilo, pois o escritor desenvolveu uma relação tensa e complexa com as condições históricas, políticas e culturais que interferiram direta e indiretamente na sua formação literária e intelectual. Foi feito um estudo do contexto histórico e literário de Fortaleza do referido período, embasados por José Ramos Tinhorão em A província e o naturalismo (1962), Sebastião Rogério Ponte em Fortaleza Belle Époque (2001), Dolor Barreira em História da literatura cearense (1948), Sânzio de Azevedo em Literatura Cearense (1976). A pesquisa se concentrou nos conceitos de Pierre Bourdieu de campo literário, em As regras da arte (1996), e capital cultural, em A Distinção: crítica social do julgamento (2007). Essas categorias auxiliaram para entender a luta dos caixeiros pelo capital cultural como forma de inserção no concorrente espaço do campo literário e intelectual da capital cearense. A partir do relato de Teófilo, foi observado que era considerado importante a obtenção de cultura letrada, isto é, do capital cultural, para ter uma voz ativa e respeitada no campo literário e intelectual de Fortaleza.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, com Bolsa FUNCAP E-mail: zefiro_cr@hotmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9352-9100>

Palavras-chave: Rodolfo Teófilo. O caixeiro. Capital Cultural.

ABSTRACT

The city of Fortaleza, from the second half of the 1860s, underwent extensive material and economic transformations due to the intensification of the export of cearense cotton to the english industry. An active participant in this modernization process was the writer and pharmacist Rodolfo Teófilo (1853-1932). In the late 1860s, to help support his family, he worked as a junior clerk at the commercial house Albano & Irmão, a major cotton exporter from Ceará. He recounted the adventures and frustrations of that period in his penultimate memoir, *O caixeiro* (1927). In addition to documenting the struggle of the clerks to become a recognized social class and the rapid modernization of Fortaleza, the work addresses the literary and intellectual formation of the aforementioned writer, recording his initial poetic aspirations and the difficulties in continuing his studies. This work aims to investigate how reading was an instrument of social and intellectual ascension for Rodolfo Teófilo, as well as his struggles to obtain cultural capital and the tensions in the city's literary field. For the purpose of this research, an analysis of Rodolfo Teófilo's context was necessary, as the writer developed a tense and complex relationship with the historical, political, and cultural conditions that directly and indirectly influenced his literary and intellectual formation. A study of the historical and literary context of Fortaleza during the mentioned period was conducted, based on José Ramos Tinhorão's *A província e o naturalismo* (1962), Sebastião Rogério Ponte's *Fortaleza Belle Époque* (2001), Dolor Barreira's *História da literatura cearense* (1948), Sânzio de Azevedo's *Literatura Cearense* (1976). The research focused on Pierre Bourdieu's concepts of literary field, in *The Rules of Art* (1996), and cultural capital, in *Distinction: a social critique of the judgement of Taste*. (2007). These categories helped to understand the struggle of the bookkeepers for cultural capital as a means of insertion into the competitive space of the literary and intellectual field of the capital of Ceará. From Teófilo's account, it was observed that obtaining literate culture, that is, cultural capital, was considered important to have an active and respected voice in the literary and intellectual field of Fortaleza. Research funded by FUNCAP.

Keywords: Palavras-chave: Rodolfo Teófilo. O caixeiro. Cultural capital.

Palavras iniciais

A cidade de Fortaleza, a partir da segunda metade da década de 1860, passou por amplas transformações de caráter material e econômico, devido à intensificação da exportação do algodão cearense para a indústria inglesa. Um participante ativo desse processo de modernização foi o escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo (1853-1932). No final da década de 1860, para auxiliar no sustento da família, ele trabalhou como caixeiro-vassoura na casa comercial Albano & Irmão, grande exportadora cearense de algodão. Ele relatou as aventuras e frustrações desse período na sua penúltima obra memorialística *O caixeiro* (1927). Além de registrar a luta dos caixeiros para se tornarem uma classe social reconhecida e a rápida modernização de Fortaleza, a obra trata da formação literária e

intelectual do referido escritor, registrando os seus primeiros anseios poéticos e as dificuldades para continuar os estudos.

Este trabalho tem por objetivo investigar como a leitura foi um instrumento de ascensão social e intelectual para Rodolfo Teófilo, além das suas lutas para a obtenção de *capital cultural* e as tensões no *campo literário* da cidade. Para o propósito dessa pesquisa, foi necessária uma análise do contexto de Rodolfo Teófilo, pois o escritor desenvolveu uma relação tensa e complexa com as condições históricas, políticas e culturais que interferiram direta e indiretamente na sua formação literária e intelectual.

Rodolfo Teófilo no contexto literário de Fortaleza

Rodolfo Marcos Teófilo nasceu, no dia 6 de maio de 1853, filho de Marcos José Teófilo (1821-1864) e de Dona Antônia Josefina Sarmento Teófilo (1832-1857), na Bahia, pois seu pai, famoso médico sanitarista, não achava o Ceará seguro, devido à epidemia de febre amarela, aos 43 anos.

Apesar das dificuldades, Rodolfo Teófilo se formou em Farmácia e atravessou importantes fatos históricos e culturais da cidade de Fortaleza, em suas conturbadas transformações urbanas e sociais, no afã de tornar-se uma capital “moderna”, durante a passagem do século XIX até as três primeiras décadas do século XX.

Ele faleceu no século XX, no ano de 1932, num período em que o otimismo modernizante já findara. O mundo já havia passado por uma Guerra Mundial, estava em crise econômica (quebra da bolsa de Nova York, 1929) e se preparava para mais um conflito bélico de proporções continentais. Fortaleza, apesar de ser a “Terra da luz”, em virtude da campanha pioneira abolicionista, já havia passado por terríveis secas, epidemias de varíolas, revolta armada contra a Oligarquia Accioly, a tentativa de invasão da capital pelos homens armados de Padre Cícero (1844-1934) e inúmeras revoltas sociais.

Teófilo atuou como farmacêutico, sanitarista, professor, comerciário, industrial, cronista, romancista e poeta. Um de seus modos de atuação foi por meio das letras. Era conhecido como um cidadão manso, porém, taciturno. Como intelectual engajado² usava as letras para demonstrar o seu repúdio aos males e combater as injustiças que presenciou.

A civilização é o principal fator das nossas misérias morais. O que fez ela em benefício da moral do homem? Nada... O progresso da humanidade consiste somente em dar-nos maior soma de gozos materiais. Vivemos com mais conforto. A ciência nos deu gozos que não conhecíamos e nos ensinou a destruir com mais rapidez e melhor o nosso semelhante! Á guerra moderna quem lhe deu armas terribilíssimas? A ciência, que aperfeiçoou a arte de matar. A ciência nada fez quanto á moral do homem, que se acha estacionada há muito séculos. Fortaleza quanto mais se civiliza, mais se corrompe (sic) (Teófilo, 1931, p. 109).

² No sentido de homem que opina e intervém publicamente nos acontecimentos relevantes na sociedade, utilizando também a literatura como instrumento de ação política, conforme explica Jean-Paul Sartre, na obra *O que é Literatura* (1947). Além disso, Pierre Bourdieu afirma que os intelectuais são sujeitos produtores de bens simbólicos, em *Economia das trocas simbólicas*, 2007.

Ou seja, pelo trecho de sua crônica, observamos que ele não deixou de criticar os paradoxos da modernidade e do progresso material que Fortaleza passara.

Ao denunciar os motivos das mazelas do povo cearense perante as secas, ele foi categórico “O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza” (1919. p. 31).

Ele era dotado de uma visão do mundo positivista e cientificista e no naturalismo regionalista encontrou a sua forma de expressão literária. Então, ao lermos a sua obra literária e não-literária, estamos entrando em contato com as conturbações e contradições de seu tempo, do qual ele é filho. A sua vida intelectual foi uma obstinada luta em busca da justiça. E a sua arma principal foi a palavra.

Tornou-se um dos maiores nomes da literatura, do jornalismo, da historiografia e da divulgação científica no Ceará, pois era um apaixonado pelo Estado, devotando sua vida e obra a pintar os costumes e as circunstâncias do homem cearense.

O espaço de atuação intelectual e científica de Teófilo foi Fortaleza, que acompanhou o movimento de mudanças nas principais cidades brasileiras, passando por uma série de reformas urbanas e sociais. O fator gerador deste novo quadro foi o rápido desenvolvimento econômico da capital cearense, em virtude da exportação da produção algodoeira, durante as décadas de 1860-1870, visto que o algodão cearense abastecia o mercado inglês durante a Guerra de Secessão.

Houve significativas melhorias no porto da capital e a implantação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (1867), meios utilizados para escoar a produção algodoeira. Essas mudanças visavam atender as novas exigências econômicas e sociais, pois este florescimento urbano acarretou o desenvolvimento de uma nova classe dominante diretamente envolvida com o comércio do algodão: a burguesia. O centro econômico era a Praça do Ferreira, cercada de lojas, armazéns e cafés com nomes ingleses e franceses.

Eram tantos os estabelecimentos estrangeiros que o historiador Sebastião Rogério Ponte afirma que constituíam quase 40% das casas comerciais existentes:

As maiores casas exportadoras do período eram a Gradvhol & Filhos, a Exportadora Cearense, a Salgado, Filho & Cia, e a Boris Frères & Cia. Esta, fundada em 1868, tinha sede em Paris e em pouco tempo alcançou poderoso prestígio comercial em toda a província cearense (...) Outros estabelecimentos franceses também surgiram em Fortaleza na segunda metade do século XIX, como os de Levy Frères, Benoit Levy & Dreyfuss, Reishofer Frère, Clement Levy & Cia, Felix Liabastes & Cia. Numerosos também foram os negociantes ingleses instalados, sendo que os principais eram Robert Singlehurst, John Willian Studart, Henry Ellery, Alfred Harvey, Richard Hugges e Charley Hardy (Ponte, 2001. p. 134-135).

O porto foi ampliado a partir de 1866, recebendo navios a vapor do Rio de Janeiro e da Europa. Também foram instaladas a Cadeia Pública, um novo sistema de canalização d’água, a Santa Casa de Misericórdia (1861) e a Biblioteca Pública (1867).

Percebemos que Fortaleza estava integrada aos complexos mecanismos da mundialização capitalista. A exportação da cultura europeia servia como um meio civilizatório. O modo de ser burguês ia penetrando em quase todos os espaços do planeta. Mas, devemos ter cuidado, pois nem tudo no estilo burguês eram flores. Hobsbawn afirma

que o “ideal da sociedade liberal burguesa foi sintetizado nesta frase irônica de Anatole France: “a lei, em sua majestática igualdade, dá a todos os homens o mesmo direito de jantar no Ritz e de dormir debaixo da ponte” (2008. p. 93).

Além do desenvolvimento material, houve o cultural. José Ramos Tinhorão (1928-2021), na obra *A província e o naturalismo* (1966), defendeu a tese de que a expansão do comércio em Fortaleza ensejou no progresso intelectual da província, pois esta renovação espiritual se deu, principalmente, pelos membros da classe média urbana. Essa nova classe era composta por empregados em escritórios de grandes firmas, amanuenses, jovens bacharéis, profissionais autônomos e pequenos comerciantes estavam bem-informados em relação às novidades do pensamento europeu. Essa jovem geração de intelectuais entendeu que para ascender socialmente era preciso investir na cultura e no letramento.

Rodolfo Teófilo participou ativamente deste desenvolvimento comercial e cultural. Antes de ser farmacêutico, sanitarista e escritor, ficou órfão muito cedo, perdendo o seu pai, o médico Marcos Teófilo, no ano de 1864, deixando a família em difícil situação financeira.

Dr. Marcos José fez parte da comissão do Governo que atuou no combate contra as epidemias de febre amarela em Baturité e em Aracati e no surto de cólera-morbo em Maranguape, em 1862. Ele era conhecido como “médico da pobreza”. A sua atuação médica era desgastante pelas longas viagens empreendidas no lombo de animais, além do salário não muito atrativo. Em virtude de sua excepcional dedicação ao combate das epidemias.

A morte do pai foi o segundo grande sofrimento de Rodolfo Teófilo, pois perdera a mãe, dona Josefina Teófilo em 1857. Num texto de reminiscência, em que dissertava acerca do altruísmo, o autor relembra a figura de seus pais:

Voltei-me em espírito para o passado e vi-o tão moço e tão forte, com o riso sempre nos lábios, muito contente do destino. Que saudades tive dele! Que contraste fazia o seu espírito alegre, folgazão, com o de minha mãe, sempre triste, acabrunhada talvez com a ideia, com o pressentimento de que se acabaria muito nova ainda, com pouco mais de vinte anos, deixando três filhinhos na mais tenra idade! (2009. p. 78-79).

No trecho citado, percebemos quão apego Rodolfo Teófilo tinha em relação à família. Marcos José, além de modelo paterno, era um grande exemplo de profissional sanitarista que trabalhou contra os surtos epidêmicos e a favor dos desfavorecidos.

O pobre menino ficou numa situação complicada, órfão aos 11 anos de idade, sua família estava empobrecida, devido a dívidas contraídas pelo pai, antes de morrer. Apesar das dificuldades, Rodolfo Teófilo foi mandado, pela madrastra, para se matricular em um colégio interno em Fortaleza. Quem custeou os estudos do garoto foi o seu padrinho, Antônio da Costa e Silva, comerciante casado com a tia de Rodolfo Teófilo.

Nesta época, ainda não era possível encontrar escolas de nível primário na cidade de Fortaleza. A alfabetização das crianças era papel dos pais. Chegado o momento do ingresso na escola, os alunos já deveriam ter domínio das primeiras letras.

Em 1865, Rodolfo Teófilo é matriculado no colégio Ateneu Cearense, localizado inicialmente na Praça da Feira Nova (atual Praça do Ferreira). Com a responsabilidade de ser o mais velho de seis irmãos, ao ver a família passar sérias necessidades, e com a queda do seu rendimento escolar, mediante a influência do padrinho (que considerava uma idiotice a ideia do afilhado ser doutor) foi trabalhar no comércio de Fortaleza.

Figura 1- Fac-símile da capa da 1ª edição do livro *O Caixeiro*, de 1927.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Em 1868, ele foi empregado como caixeiro-vassoura na Casa comercial Albano & Irmão, da Silva Albano (1830-1901, posteriormente, Barão de Aratanha), durante o auge da exportação do algodão para o mercado estrangeiro, período descrito com minúcia no seu penúltimo livro de reminiscências *O caixeiro* (1ª edição - 1927):

A casa comercial em que estava era uma exceção quanto ao tratamento que dava aos seus auxiliares. Não os pagava com generosidade, mas também não fazia como outras, as portuguesas, que tratavam os caixeiros a pontapés, faziam deles carreteiros de mercadorias e muito mal o pagavam! Estive seis anos no comércio. O primeiro ano foi de aprendizagem, tendo somente casa e comida. No segundo duzentos mil réis. Foi subindo até que no sexto me deram quinhentos mil réis (Teófilo, 2003. p. 57).

O seu patrão era um poderoso exportador de algodão, não muito diferente dos outros comerciantes da época, e tratava Teófilo e outros caixeiros autoritariamente, como “criados de servir”. A exploração era tão acentuada que, em 1868, Teófilo e mais 50 colegas se reuniram para discutir os seus direitos. Eles organizaram uma associação que, depois, se chamaria Beneficente Caixeiral. No entanto, os patrões não gostaram da ideia e tentaram proibir qualquer tipo de associação.

Na obra memorialística, Teófilo narrou o seu dia a dia estafante, trabalhando ao sol quente, separando e marcando enormes fardos de algodão:

Eu estava no armazém de fazendas e instintivamente tomei o lápis e escrevi no dorso de uma peça de chita de assento branco salpicada de pequenos corações vermelhos: “Não sei porque os risos me entristecem/As alegrias fazem me cismar./Minha alma, sábia, sábia das tristes tardes,/ Ah não sabe rir, sabe só chorar.” Por estes versos vê-se como a minha alma estava impressionada com o choramingar de Casemiro de Abreu, nas *Primaveras*. Dias depois tive de acompanhar a um de meus patrões que ia fazer vendas a um sertanejo. Por fatalidade fomos ter à caixa de chitas em que estava a peça com o verso. O patrão viu-a e enraivecido com o grande delito se dirige a mim, diante do freguês e me repreendeu brutalmente, dizendo-me desaforos e por último, para mais ultrajar-me, no pensar dele, me chamou poeta!!! (2003. p. 63-64).

Como já citado, Teófilo havia abandonado os estudos no Ateneu Cearense para ajudar a manter a sua família, parca de recursos. Apesar de jovem, já tinha passado por muitos sofrimentos e julgava a sua vida amarga e triste. Deveras impressionado pela leitura dos versos do poeta Casimiro de Abreu, o jovem caixeiro identificava-se com as lamentações românticas da obra *As primaveras* (1859).

O caráter romântico do jovem Teófilo contrastava com o mundo mercantilista no qual trabalhava. Para a mentalidade burguesa, o poeta é um sujeito inútil, pois não gera riqueza, não produz algo que tenha utilidade prática. Quando o patrão do referido caixeiro, representante do *campo do poder*, descobriu versos rabiscados no tecido de chita, tentou desqualificá-lo chamando-o de “poeta”.

O sociólogo Pierre Bourdieu define o *campo do poder* como “as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um quantum suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder” (2010, p. 28-29). Nas palavras do pensador, no *campo do poder*, existem individualidades pertencentes à classe dominante, pessoas reais possuidoras de capital econômico, detentoras de poder material que interferem na sociedade em prol de seus interesses.

Desenvolvimento material de Fortaleza e o conceito de *capital cultural*

Remetemo-nos ao estudo de José Ramos Tinhorão que relaciona o desenvolvimento material ocorrido nas décadas de 1860 e 1870 com o desenvolvimento intelectual de nossa província:

O aparecimento dos numerosos movimentos intelectuais no Ceará, surgidos à sombra de academias, gabinetes de leitura e sociedades literárias – desde a Academia Francesa, de 1872, até a Padaria Espiritual, de 1892 – prende-se, fundamentalmente, ao advento de uma nova classe média nas principais cidades da província e, acima de tudo, em Fortaleza (Tinhorão, 1966. p. 21).

O desenvolvimento econômico deu luz a uma nova classe social – a classe média. A classe média fortalezense era formada por amanuenses, empregados em escritórios de grandes

firmas, estudantes, militares, profissionais liberais e pequenos comerciantes. Os membros dessa camada social aspiravam participar do *campo político e intelectual* da cidade. Para o pesquisador, o desenvolvimento material, nesse contexto específico, é acompanhado pelo cultural. A inserção nesses campos, é óbvio, além do acúmulo de bens econômicos, foi feito por meio da produção de *capital cultural*, obtido através da educação e de uma circulação nos meios letrados. Porém, numa terra em que a educação nunca foi prioridade, ser alfabetizado ou um manejador razoável das letras, já era sinal de status social.

A perspectiva de *capital cultural* está intimamente ligada ao conceito de *campo*, do sociólogo francês, Pierre Bourdieu (1930-2002), em particular, o literário. A categoria *campo* é uma metáfora retirada da Física e utilizada pelo pesquisador para pensar a problemática das representações simbólicas em diversas esferas da sociedade.

Esse conceito é oriundo da teoria sociológica de Bourdieu, nas obras *As regras da arte*³ (1996) e *O poder simbólico* (2010), que examina como a literatura é produzida, distribuída, consumida e valorizada dentro de uma estrutura social, propondo que a literatura, assim como outras formas de arte e cultura, não existe isoladamente, mas é influenciada por uma série de forças sociais e econômicas (Bourdieu, 1996, p. 68-70).

Para o sociólogo, o *campo literário* é um espaço social em que os agentes (escritores, editores, críticos, leitores, etc.) interagem e competem pelo reconhecimento e *poder simbólico*. Esse *campo* não é homogêneo, mas um sistema de relações em que diferentes indivíduos e instituições têm diferentes quantidades de *capital simbólico*, que é uma forma de poder cultural que pode ser usado para estabelecer hierarquias e influenciar o que é considerado valioso na literatura.

Para Bourdieu, o *capital cultural* é uma forma de *capital simbólico* que inclui o conhecimento, as habilidades, a educação e os modos de comportamento adquiridos pelos indivíduos ao longo de suas vidas. Esse tipo de capital não se refere apenas à quantidade de conhecimento que alguém possui, mas também à sua capacidade de mobilizá-lo e utilizá-lo de maneira eficaz em diferentes contextos sociais (Bourdieu, 2007, p. 27-31).

Portanto, o conceito desempenha um papel crucial para entender a reprodução das desigualdades sociais, pois indivíduos com mais *capital cultural* tendem a ter vantagens em termos de acesso a recursos e oportunidades em comparação com aqueles com menos *capital cultural* (Bourdieu, 2007, p. 9-14). Essa teoria é fundamental para entender como as desigualdades sociais são perpetuadas e como o sistema educacional e outras instituições culturais podem funcionar como mecanismos de reprodução social.

Então, ao observar as categorias *capital cultural* e *campo de poder* de Bourdieu, distinguiremos duas classes no contexto histórico de Fortaleza em estudo: a dos burgueses e a dos burocratas. A classe média, composta por burocratas não diretamente ligados à produção da riqueza, adotaram o aperfeiçoamento cultural como critério de ascensão social, passando a interessar-se pelos três temas que apaixonavam igualmente as camadas urbanas da Corte: a literatura, a libertação dos escravos e a República (Tinhorão, 1966, p. 24). Muitos desses indivíduos fizeram parte de inúmeras agremiações literárias e intelectuais em Fortaleza, como

³ Na obra *As regras da arte* (1992), Bourdieu desenvolve o conceito de *campo literário* a partir da interpretação da narrativa do romance *A Educação Sentimental*, do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880).

a Academia Francesa, Clube Literário, Padaria Espiritual, Centro Literário e Academia Cearense.

Antes da tentativa de inserção no *campo literário* da cidade, era preciso, previamente, o acesso à educação básica. A província do Ceará, desde a década de 1840, contava com dois educandários: o Ateneu Cearense e o Liceu do Ceará. O início da educação e do ensino formal no Ceará ocorreu, primeiramente, com a instalação do Liceu do Ceará⁴, em 1845, com sede na Capital. Antes, o ensino na província era artigo de luxo, privilégio para uma minoria.

João Brígido (1829-1921) nos informa, na passagem do século XVIII para o XIX, sobre o tipo de ensino e de educação recebiam as crianças:

Os pais de família corrigiam seus filhos seviciando-os a chicote; os entrefaziam outro tanto por delegação deles e consenso universal. A escola inspirava horror aos rapazes e não era debalde. Além do castigo usual da palmatória e outros, havia o que se chamava montar a cavalo, às costas de um rapaz, posto de quatro pés, ligavam o paciente e lhe flagelavam as nádegas com chicote (Brígido *apud* Girão, 2011, p. 215).

O ensino nesse contexto permeado de crueldade, peculiar aos homens do Governo, estava vinculado à ideia de mando. Crianças mais novas não resistiam a esse ‘método’. Somente aos doze anos os alunos eram matriculados, pois nessa idade poderiam resistir aos castigos.

Num registro de reminiscências, no *Almanaque do Ceará*, de 1922, Rodolfo Teófilo escreveu sobre o Ateneu Cearense, instituição em que estudou antes de trabalhar seis anos no comércio. Esse texto é importante, pois é um dos únicos registros sobre essa instituição; em comparação, o Liceu do Ceará ganhou diversos registros com Blanchard Girão (1929-2007) e Gustavo Barroso (1888-1959).

Assim, Teófilo inicia o seu relato:

Há cerca de sessenta anos, fundou-se em Fortaleza o primeiro colégio de ensino primeiro e secundário, na Praça da Feira Nova, hoje Praça do Ferreira, em uma das esquinas do lado do sul, na rua Floriano Peixoto. Era seu diretor, um cearense, o Sr. João de Araújo Costa Mendes, que passara alguns anos na Bahia, como professor do colégio Abílio, cultivando suas qualidades inatas de pedagogo para depois aproveitá-las em sua terra, tão carecida de estabelecimentos de instrução (1922, p. 499).

O Ateneu, instalado em 8 de janeiro de 1863, foi um modelo de educandário organizado, com a finalidade ampla e ambiciosa de oferecer educação intelectual, moral e artística à juventude. João de Araújo Costa Mendes (? – 1874) aplicou o método prático que o professor Abílio Cesar Borges (1824-1891, o Barão de Macaúbas) empregava no seu Ginásio baiano. Os métodos eram louvados em todo o Império. Eram ditos ‘modernos’ pelo seu progressismo. Foram abolidos os castigos físicos e os alunos eram premiados pelas suas boas notas visando trazer aos discípulos, com menos tempo e esforço, resultados mais positivos.

⁴ O padre Tomás Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu) é o inspirador e orientador do nascimento do Liceu do Ceará, do qual durante muitos anos se fez o primeiro diretor. “começa daqui – afirma-se sem exagero – a sistematização do cultural mental cearense” (GIRÃO, 1955, p. 51).

Pelos estatutos do recém-criado Ateneu Cearense, podemos observar a dimensão dos seus objetivos: “1- a educação religiosa da mocidade, 2 – firmar a juventude em sólidas bases de instrução literária, a fim de poder a seu tempo aplicar-se com proveito aos estudos maiores nas Academias e Seminários do Império” (Castelo, 1970. p. 242).

Havia aulas de Catecismo, Primeiras Letras, Gramática, Latim, Inglês, Francês, História, Geografia, Geometria, Filosofia, Retórica, além de Música, Dança e Ginástica. Se as aulas fossem frequentadas por mais de 20 alunos, estes eram divididos em seções. Alguns professores deste período foram Teófilo Rufino Bezerra de Menezes, professor de Filosofia; Gonçalo de Almeida Souto de Inglês; Manoel Soares de Silva Bezerra de Latim e o Dr. Theberge lecionava matemática.

Os estudos destas instituições corresponderiam ao que hoje chamamos ensino médio e fundamental e havia uma preocupação com a formação moral e religiosa dos alunos, apesar do segundo item enfatizar que o objetivo crucial do educandário era prepará-los para os cursos de nível superior.

Ora, os membros das classes médias e abastadas queriam ver os seus filhos com o almejado título de bacharel. Os cursos de nível superior só existiam em outros estados como Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Os Colégios, no contexto cearense, forneciam a institucionalização de oportunidades para acumular o *capital cultural*, ou seja, um conjunto de recursos culturais realizados pelos indivíduos, ideia metaforizada, com a similitude do acúmulo do capital econômico.

Grande parte dos intelectuais da geração realista cearense estudou no Ateneu Cearense, como nos declara Rodolfo Teófilo:

Daquele bando de crianças saiu o que o Ceará contemporâneo tem de mais elevado em sua mentalidade. Pode-se dizer o período áureo do Ceará mental. Basta lembrar Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Paula Ney, Domingos Olímpio, Xilderico de Faria, João Lopes, Tomas Pompeu, sendo que este já não encontrei no Ateneu. Além dos citados, houve muitos que se diplomaram nas Academias do Brasil e do estrangeiro. Depois dessa fornada, o Ceará parece, cansou. Anos após, veio-nos um luminar das ciências jurídicas e sociais, Clovis Beviláqua. Posteriormente, Farias Brito, Frota Pessoa, Otto de Alencar, Antônio Sales (sic) (1922, p. 499-500).

O ensino do Atheneu, analisando os depoimentos de Rodolfo Teófilo, tinha um caráter utilitário e progressista. A instituição tinha como objetivo essencial preparar os candidatos para os preparatórios dos cursos superiores do Império. Os alunos eram estimulados a tirarem boas notas através de premiações, além de existir grupos de estudos, onde liam e discutiam os assuntos das disciplinas. O colégio tinha uma base moral católica, mas estimulava o debate e a análise racional. Rodolfo Teófilo chegou a dar aulas para os alunos da 1ª série e a fazer monitoria para os mais atrasados.

Ora, através do Colégio, os alunos se encaminhavam para os diversos Cursos superiores espalhados pelo Brasil. Rodolfo foi contemporâneo de vários intelectuais que contribuíram de maneira significativa para o pensamento brasileiro, como o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927), o filósofo Farias Brito (1862-1917), o jurista Clovis Beviláqua (1859-1944) e outros escritores. Os nomes citados participariam, futuramente, de várias agremiações literárias como a Academia Francesa, o Clube Literário, Padaria Espiritual e Academia Cearense.

Com Fortaleza tornando o seu espaço urbano mais complexo, houve o início de um fenômeno que o crítico e historiador literário Antônio Cândido (1918-2017) denominou de *sistema literário*, na introdução de *Formação da literatura brasileira* (1ª edição - 1959). Na obra, ele desenvolveu a categoria *sistema literário*, ou seja, “obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (Candido, 1981, p. 23). Ele compreende a literatura como um conjunto de fatores internos (língua, temas, imagens) e externos de ordem cultural, política e psíquica, caracterizando-a como um importante aspecto orgânico da civilização.

Em um âmbito sociocultural, a literatura se constituirá quando existir um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel comunicativo e estético; um mecanismo transmissor (a língua transformada em texto artístico por meio do estilo) e um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público, sem o qual a obra não vive (Candido, 1981. p. 23-24). Resumindo: para que haja literatura, é preciso que haja o conjunto integrado pelos escritores, pelas obras e pelos leitores.

Entre o fim da década de 1860 e início de 1870, havia em Fortaleza um sistema literário com a circulação maior de livros e periódicos, um modesto mercado livreiro, exportações via navio de livros, revistas e jornais das grandes metrópoles do Brasil e da Europa.

O desenvolvimento material da capital da província acarretou a ampliação do *campo literário* na capital, como já foi mencionado, por meio da difusão de inúmeras associações literárias. Esse fato foi atestado por Leonardo Mota (1891-1948), na obra *Padaria Espiritual* (1938), que relatou que desde a metade do século XIX, a cidade de Fortaleza era uma capital de agitada vida literária. Na respectiva obra, ele listou mais de 100 agremiações literárias, não só em Fortaleza, como em outras cidades do estado.

A busca pelo aperfeiçoamento cultural deu origem ao desenvolvimento de intelectuais que iniciaram a escrita e a divulgação de suas peças literárias (ou não) que eram lidos e debatidos em Fortaleza e no Brasil. Grande parte da produção literária e dos periódicos que foram publicados e que circularam dentro e fora do Ceará, era construída a partir dessas associações literárias. No entanto, as agremiações que surgiram posteriormente, mesmo tendo homens de letras oriundos da classe média, não se identificariam com a burguesia.

A leitura como mecanismo de ascensão social e intelectual

Já foi mencionado que Rodolfo Teófilo ficou órfão aos onze anos de idade. Desde pequeno, possuía uma saúde frágil. Em virtude da profissão do pai, ele viu muitas calamidades, como secas e epidemias. Com sua saída do Ateneu, viu-se obrigado a trabalhar como caixeiro para ajudar no sustento da família. A sua vida foi marcada por muitos sofrimentos.

A imagem que Teófilo fazia de si era de um injustiçado. Porém, na flor de sua juventude, ele tinha a crença de que o sofrimento era passageiro e que futuramente seria recompensado:

Lá ia eu com todos os empregados da casa cantando de rua á fora, acompanhando Nosso Pai, muitas vezes até o bairro do Outeiro!! De volta à Igreja, ouvíamos as preces do vigário e recebíamos os nossos quarenta dias de indulgencias. Como nesse tempo eu era mais feliz acreditando que aquelas horas perdidas de sono serviriam para descontar os meus pecados! (sic) (Teófilo, 2003. p. 10).

Na passagem, o autor se referia ao seu primo Raphael Teófilo que dividia o quarto com ele, nos fundos da loja. O primo o acordava no horário de meia-noite para participar da procissão. Este trecho também se refere à devoção católica que o poeta ainda possuía. O serviço de caixeiro-vassoura era bastante puxado: iniciava-se com o nascer do sol e se extinguia com o crepúsculo. Os caixeiros eram responsáveis pelo transporte, pela contagem, pelo descarregamento e pela venda de enormes fardos de algodão, trabalhadores extremamente explorados.

Muitas vezes, após o término do expediente, o jovem poeta era convocado pelo patrão para trabalhar de garçom nas festas da alta sociedade. Em meio a tanta humilhação, ele meditava sobre a sua condição: “Tive ímpetos de abandonar a casa; mas o meu gênio afetivo, o meu grande amor à família, de quem eu era o único amparo, pois meu pai morrera e nos deixara paupérrimos, prenderam-me aquele posto de sacrifício. Era uma provação bem dura aquela!” (Teófilo, 2003, p. 13).

Ele possuía uma grande força de vontade para suportar essas provas. Como filho mais velho, sentia-se responsável pela sua família. Diante das dificuldades, com o gênio altivo e pensando no seu futuro e no de sua família, adquiriu plena consciência de que somente através dos estudos poderia sair deste círculo de provações: “Compreendi que só o livro me podia libertar. Devia estudar; mas como? Os dias eram do patrão, só dispunha eu das noites” (Teófilo, 2003. p. 25).

Nesta época, existia um colégio na Praça dos Voluntários (Centro de Fortaleza), onde funcionava o antigo Liceu. Os diretores do colégio eram os professores Arcelino de Queirós e Praxedes. Ele os procurou e narrou a sua triste condição e o desejo de voltar aos estudos. Os lentes decidiram ajudá-lo, dando-lhe aulas à noite.

Teófilo descreveu o seu cotidiano, enquanto trabalhava e estudava:

A vida agora era mais cansada. Passava o dia na praia exposto ao sol, no serviço de algodão. Ao escurecer, sentado à carteira a copiar o borrador! Voltava às 9 horas da noite das aulas e recolhia-me ao quarto, uma espelunca quente e com mais muriçocas do que as florestas do Amazonas. Ia preparar as lições alumado por uma miserável vela de carnaúba, de vintém, pois não podia comprar estearina. Estudava três horas, o tempo que durava a luz. Extinta, deitava-me e adormecia pesadamente (2003, p. 26).

O depoimento de Teófilo revela quão grande foi o seu esforço para sair de sua condição de pobre. Depois de trabalhar o dia inteiro, ia ter aulas com os professores particulares. Tarde da noite, ao voltar, no seu quatinho nos fundos da loja, ambiente insalubre, ainda estudava até a vela se apagar. Não foi somente o jovem caixeiro que percebeu que os estudos eram um instrumento de ascensão social e intelectual. Outros jovens trabalhadores do comércio também tinham esse afã de cursar uma faculdade e adquirir um diploma de ‘doutor’.

O *capital cultural* pode consistir-se de muitos elementos, tais como a posse de bens culturais (livros, obras de arte, etc.), contudo, a forma mais frequente é a sua materialização por meio da obtenção de um diploma, que é validado pela instituição educacional ou universidade e oferece legitimidade a quem o detém (Bourdieu, 2007, p. 27-31).

Bourdieu, além do caráter ‘objetivo’, defende que o *capital cultural* também se constrói com domínio de certo nível de vocabulário, acompanhamento de obras culturais, sociabilidade com a família, amigos, grupos específicos, associações, etc. Como o capital econômico, embora apenas a sua forma objetivada possa ser comprada, o *capital cultural* é acumulado e transmitido através das gerações, mais ou menos diretamente, especialmente entre pais e filhos. Portanto, o acesso à educação (*capital cultural*) nesse período é bastante restritivo, somente os filhos das elites tinham essa vantagem.

Voltando à discussão do contexto de Fortaleza, a vida de Rodolfo Teófilo era de constante luta e sofrimento. Não apenas por formalidade, ou para acompanhar a moda literária da época, mas ele se identificava profundamente com o romantismo. No final da década de 1860, a moda romântica seguia plena. Os poetas e os prosadores, tanto portugueses como brasileiros, faziam parte do estudo e das leituras de Rodolfo Teófilo, tais como José de Alencar, Castro Alves, Gonçalves Dias, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, João de Deus e os franceses Alexandre Dumas, Victor Hugo e Alphonse de Lamartine.

Houve um poeta que exerceu uma grande influência em Teófilo, quando este era adolescente, que foi Casimiro de Abreu⁵. Teófilo, entre uma atividade e outra, ficava suspirando os versos do poeta carioca. Inspirado pelos tristes e meigos versos de Casimiro de Abreu, ele escreveu um poema em um dos fardos de algodão, sendo depois duramente repreendido pelo patrão, fato citado anteriormente.

Assim como Teófilo, Casimiro também trabalhou no comércio. Mas, desde cedo, a sua vocação era a poesia. Incompreendido, cantava os dramas íntimos de sua vida. Como nos advertem Antônio Cândido (1981) e Manuel Bandeira (1997), Casimiro de Abreu foi o nosso melhor poeta ‘menor’ do romantismo. A sua poesia era confessional, ingênua e simples. As temáticas poéticas giravam em torno da nostalgia da pátria, dos primeiros sobressaltos amorosos da adolescência, dos ternos encantos da paisagem local.

É através de Casimiro de Abreu, que Rodolfo Teófilo bebeu da fonte do poeta francês Lamartine. Na introdução de *Primaveras*, o poeta comenta: “Meu Deus! que se há de escrever aos vinte anos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre há tempo de sermos homem sério, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma página de Lamartine” (Abreu, 1999. p.21).

Alphonse de Lamartine (1790-1869) foi um dos poetas precursores do Romantismo na França. Sua produção poética é caracterizada por uma melancolia profunda, cujos temas recorrentes são o amor e a religião. Em 1820, publicou seu primeiro livro, *Meditações (Les méditations)*, inspirado num breve amor por Julie Charles, jovem que morreu

⁵ Casimiro José Marques de Abreu (1839-1860), filho de um rico negociante e fazendeiro, a mando do pai, foi enviado para trabalhar no comércio no Rio de Janeiro, mas demonstrou nenhuma vocação para o ofício. Viajou para Lisboa, onde se iniciou como dramaturgo e poeta. Voltando ao Rio de Janeiro, trouxe vários poemas, somando-se às composições escritas em solo brasileiro, publicou a sua única obra *Primaveras* (1859). Ele faleceu em 1860, acometido de tuberculose.

prematuramente. Sua influência no Brasil pode ser encontrada em poetas como Álvares de Azevedo e Castro Alves.

Casimiro, principalmente, cantou as saudades das ilusões da juventude, tema recorrente na produção poética de Rodolfo Teófilo, em livros como *Lira Rústica* e *Telésias*, ambos de 1913. Como escapismo, o poeta caixeiro passava o tempo a sonhar e nutria uma paixão platônica pela filha do presidente da Província, o Sr. Diogo Sobrinho. Numa comitiva, reunindo o presidente e convidados (inclusive o patrão de Teófilo), que viajava rumo à cidade de Pacatuba, o jovem poeta:

Via-a, e estava mais formosa... como é doce a vida quando se é moço e ama! (...) O meu coração de poeta adolescente sentia em cheio os travos de uma grande saudade. Como separar-me dela?! A minha bem-amada, tão triste quanto eu, tomou o violão e cantou uma modinha muito em voga: ‘Que importa a ausência cruel nos separe... Aquela voz suave vibrou na minha alma enternecendo-a. Chorei dentro de mim. Como é feliz a idade das ilusões! (Teófilo, 2003. p. 52).

Como se vê, Rodolfo Teófilo descreveu que sofria terrivelmente, de modo até ultrarromântico. Ele a chamava de “minha Dulcinéia”, personagem da obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote* (1605). É interessante a alusão, pois se ela é a Dulcinéia, ele é Dom Quixote. De alguma forma, a imagem do “cavaleiro da triste figura” espelha o próprio Teófilo desta época: um destemido herói, com a cabeça repleta de ilusões, que luta com todas as suas forças, mas sofrendo várias decepções num mundo complexo e injusto.

Na condição de caixeiro-vassoura, ele era bastante explorado no trabalho e compreendeu desde cedo “que só o livro me podia libertar” (Teófilo, 2003. p. 25). Os estudos eram o único meio de que dispunha para tentar se inserir no problemático *campo intelectual*.

Após seis anos no comércio, Teófilo, com muita dificuldade e muito estudo, conseguiu juntar economias, oriundas de uma pequena fábrica de tintas que ele mesmo desenvolveu. O jovem estudante foi liberado pelo patrão e partiu para o Recife, onde realizou as provas preparatórias para os cursos da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1872. Ele tinha o sonho de seguir a carreira do pai, porém decidiu cursar Farmácia, pois o curso de Medicina era longo e caro. Era final do ano de 1872, passou com facilidade nas provas e, no ano seguinte, ingressou no curso de Farmácia, agregado à Faculdade de Medicina da Bahia.

Depois de conseguir se formar no Curso de Farmácia, Rodolfo Teófilo voltou para Fortaleza (em 1876) e abriu, no centro da cidade, uma botica na Rua da Palma Nº 80 (atual rua Major Facundo), onde se tornou industrial, vendendo remédios, bebidas não alcoólicas, sobretudo, inventou sua famosa cajuína. Ele adentrou em novos espaços nos campos intelectuais e literários, escrevendo textos científicos, historiográficos e peças ficcionais. No contexto de Fortaleza, exerceu funções de cientista, sanitarista, jornalista, historiador, escritor, professor e participou ativamente de campanha de abolição no Ceará.

Por meio de um memorialismo que pretendia reviver fidedignamente os fatos vividos, em *O Caixeiro* (1927) Rodolfo Teófilo transportou-nos a um tempo áureo da história que vivenciou: o começo da modernização urbana e cultural da capital cearense.

Considerações Finais

Além de documentar a batalha dos caixeiros para serem reconhecidos como uma classe social relevante e da modernização da cidade de Fortaleza, a obra *O caixeiro* registrou as primeiras manifestações poéticas de Rodolfo Teófilo, profundamente influenciado pelo romantismo e os seus obstáculos para prosseguir com sua formação acadêmica.

Com essa pesquisa, a partir dos relatos de Teófilo, foi observado que era considerado importante a obtenção de cultura letrada, isto é, do *capital cultural*, para ter uma voz ativa e respeitada no *campo literário e intelectual* de Fortaleza. Desde cedo, por meio de uma perspectiva liberal e iluminista, Teófilo adquiriu a consciência de que só o livro o salvaria da “inutilidade” e do “anonimato” literário. Além da formação intelectual e da continuidade das leituras literárias, apesar do fazer poético ser marginalizado pela burguesia fortalezense, ele estava dividido em continuar a se expressar por meio da poesia, ou se concentrar nos estudos para adquirir um diploma de curso superior, algo considerado mais pragmático para o seu contexto.

Referências Bibliográficas

ABREU, Casimiro de. *Primaveras*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948. v. I.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Sérgio Miceli (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981. v. I e II.

CARDOSO, Gledson Passos. *As repúblicas das letras cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904)*. Dissertação em História social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do Ensino no Ceará*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1970.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo, Três Estrelas, 2014.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1994.

OLIVEIRA, Almir Leal de. “O universo letrado em Fortaleza na década de 1870.” In: SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (org.). *Intelectuais*. Coleção Fortaleza: História e cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Dissertação de Mestrado em História e Teoria Literária. Campinas: UNICAMP, 2009.

SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo. O varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura de Maracanaú, 1997.

SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (org.). *Intelectuais*. Coleção Fortaleza: História e cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

TEÓFILO, Rodolfo. *Scenas e typos*. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1915*. Fortaleza: Moderna, 1919.

TEÓFILO, Rodolfo. O Atheneu cearense. In: *Almanach do Estado Ceará*. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. *Coberta de tacos*. Fortaleza: Moderna, 1931.

TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro: reminiscências*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. *A província e o naturalismo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.